

ENTO FIXO
PUTADOS

EX-PATRAO ASSALTA COOPERATIVA «NILTEX»

● CONHECIDO BOMBISTA AJUDOU NO ASSALTO

lobata trabalhadores vieram a Lisboa

Adubos sobem 20%

44 cooperativas respondem a Soar

Extinto Grupo Coordenador do Crédito Agrícola

ARGENTINA:

ela vida
MANUELA
CRISTINA
ANTUCHO

AGRAVA-SE O PROBLEMA DA «MACONDE»

FORÇA POLICIAL CARREGOU SOBRE *a luta continua!* DE BRAG

- TRABALHADORES FERIDOS NOS INCIDENTES
- GOVERNO PASSIVO PERANTE O «LOCK-OUT»

COUP D'ETAT MILITAIRE
EN THAILANDE

Indústriais do Alviela envenenam população

RESULTADO CONHECIDO

RÉGULAMENTO PIDES
com os números

Fábricas de cortumes riamente as populações do Alviela, com toneladas de resíduos corrosivos, que atingem as casas e os animais, destruindo colheitas e causando doenças. Se não acreditar veja as fotografias.

Operários de Sines em S. Bento: Médicos sim cemitério não!

esias apuradas	4004
ias por apurar	28
Inscritos	6 425 379
Votantes	4 845 297
Afluência	75,41 por cento
os brancos	20 178 (0,42%)
Votos nulos	43 392 (0,90%)



Pela mão de Carlucci

AID instala-se em Portugal

p. 5

Soares afirma:

“O Governo está muito bem como está”

RAMALHO EANES	2 940 772
TELO S. DE CARVALHO	791 561 (1,96%)
PINHEIRO DE AZEVEDO	686 282 (1,77%)
OCTAVIO PATO	363 112 (0,92%)

A CHANTAGEM MULTINACIONAL «SIEMMENS»

AMEAÇA FALÊNCIA OU DESPEDIMENTO LIBERDADE EM SEGURANÇA

BOMBAS EM VIALONGA

O papel do cantor de intervenção em Portugal

As cantigas de teor politizante tiveram um papel de relevante importância na formação de toda uma consciência anti-fascista ao longo de, pelo menos, os últimos treze anos (1961-74) da ditadura terrorista de Salazar-Caetano.

O cantor era — e! — acima de tudo, um militante, um agitador. As situações em que ele podia cantar nada tinham a ver com a segurança e a amenidade de uma sala de espectáculos. Em definitivo, a concepção de "show", de recital, é totalmente estranha à realidade da actuação do cantor de intervenção, neste país.

Poder-se-á situar o aparecimento da canção de contestação nos anos 1961-62, revestindo uma forma de ruptura com as tradicionais cantigas dos estudantes de Coimbra, os fados.

Os textos reflectiam a revolta contra a guerra fratricida que o povo português era obrigado a praticar em África — em Angola, em Moçambique, em S. Tomé e Príncipe, na Guiné.

José Afonso é o iniciador do movimento, logo seguido por Adriano Correia de Oliveira e Manuel Freire. Mais tarde viriam, da emigração, os testemunhos de José Mário Branco, Luís Cília, Sérgio Godinho, Tino Flores, e, dentro do país, Vitorino, José Jorge Letria, Pedro Barroso, Francisco Fanhais, José Barata Moura, Aristides, o Grupo de Acção Cultural, Fausto.

Os discos saem, é certo, mas quem os consome é a burguesia. Há que ir às aldeias, às fábricas, aos bairros, contactar directamente com os operários, com os camponeses — com os explorados! Aprender para divulgar!

Aconteceu o 25 de Abril. Se "Grândola" é o sinal para o despoletar da acção dos capitães, o papel dinamizador que poderia caber aos cantores nunca foi enquadrado ou simplesmente reconhecido a nível oficial.

Os cantores mais coerentes estão, neste momento, a dar todo o seu esforço ao apoio e divulgação das lutas que se travam a nível das cooperativas, das fábricas, dos quartéis, dos últimos redutos do Poder Popular, o que é olhado com desconfiança, quer por alguns partidos — aos quais interessa não a consciencialização, mas sim a capitalização de votos — quer pelo Governo de Soares, o governo que serve os interesses dos autores do golpe contra-revolucionário de 25 de Novembro.

Lá vai Jeremias



É uma cantiga popular da Serra do Malpique (Beira-Baixa). Os mancebos cantavam-na, em coro, quando iam para as "sortes", isto é, para a vida militar. Fazemos dela homenagem aos militares que fizeram o 25 de Abril.

Lá vai Jeremias
Lá vai Jeremão
Lá vai senhor alferes
Melhor capitão.

Á entrada de Elvas
Estão duas cadeiras
Para se assentarem
As moças solteiras.

Além mais abaixo
Se vende licor(i)
A dez réis o copo
Para o meu amor.

Ó Elvas, ó Elvas
O Penamacor (i)
Neste regimento
Anda o meu amor.

Além mais abaixo
Se vende aguardente
A dez réis o copo
Para toda a gente.

Ai que quebra quebra
Que se quebra o linho
Quebrá loica toda
Fica o prato fino.

Milho Verde

É uma cantiga popular da Beira-Baixa: o amor é praticado, livremente, à sombra do milho que se colhe — é um tributo à Natureza e, no campo das relações humanas, uma lição para os teóricos da cidade.

Milho verde, milho verde
Ai milho verde, milho verde
Ai milho verde maçaroca

À sombra do milho verde
Ai à sombra do milho verde
Ai namorei uma cachopa.

Milho verde, milho verde
Ai milho verde, milho verde
Ai milho verde miudinho

À sombra do milho verde
Ai à sombra do milho verde
Ai namorei um rapazinho.

Milho verde, milho verde
Ai milho verde, milho verde
Ai milho verde folha larga

À sombra do milho verde
Ai à sombra do milho verde
Ai namorei uma casada.

Mondadeiras do meu milho
Ai mondadeiras do meu milho
Ai mondai o meu milho bem

Não olheis para o caminho
Ai não olheis para o caminho
Ai qu'a merenda já lá vem.



Foi na cidade do Sado



O comício-provocação do P.P.D.
em Setúbal, em 7 de Março de 1975-
-o balão de ensaio para a intento-
na spinolista de 11 de Março.
As forças do capital assassinam
(mais) dois companheiros: o João
Manuel, em Setúbal, e o soldado
Luís, no RAL-1.

Foi na cidade do Sado
No pavilhão do Naval
Havia uma bronca armada
P'las bestas do Capital.

Amigo arrebenta a porta
Quê te vão para matar
As bestas já fazem fogo
Lá fora tens de lutar.

Aos sete do mês de Março
Quinta-feira já se ouvia
Dizer à boca calada
Que o PPD era a CIA.

Os gases lacrimogénios
E os tiros que então partiram
Mais os cordões da polícia
Os PPDês protegiam.

Uma tarjeta laranja
Convite ao Povo fazia:
- Venham todos ao comício
Da Social Democracia.

Cai morto João Manuel
De nascimento algarvio
Dezoito já eram feridos
Ficou o Naval vazio.

Eram talvez quatrocentos
Gritando a plenos pulmões:
- Abaixo o Capitalismo
Não queremos mais tubarões!

Justiça p'la noite fora
Pediú o Povo na rua
- Morte à polícia assassina!
Amigo, a vitória é tua.

Lá dentro sessenta mãos
Do PPD exibiam
Matracas e armas de fogo
E o mais que os outros não viam.

Aos onze do mesmo mês
As onze horas do dia
Enquanto João passava
Enquanto João jazia.

A um sinal combinado
Já quente, a polícia vem
Arreia, polícia, arreia
Que o Totta Açores pagabem.

Do outro lado do rio
Morre o soldado Luís
Soldado, filho do Povo
Vamos fazer um País!

Vira de Coimbra

É uma cantiga tradicional de Coimbra, em que a linha melódica, muito simples, é aproveitada por bailadores e assistentes para introduzirem, de improviso, quadras. Isto passa-se à volta de fogueiras, na altura dos Santos Populares. Faça-se uma justa referência à nossa fonte de recolha: a "menina" Cristina dos Matos Cortezão, empregada, há cerca de trinta anos, de diversas "repúblicas" (casas de estudantes).

O pão que sobra à riqueza
Distribuído p'la razão
Matava a fome à pobreza
E ainda sobrava pão.

Se eu fosse carpinteiro
Casava c' uma ceifeira
Juntava a foice ao martelo
Fazia a nossa bandeira.

Se a morte fosse interesseira
Ai de nós o que seria
O rico comprava a morte
Só o pobre é que morria.

O padre vendeu a burra
P'ra não lhe dar mais cevada
Agora vai aos enterros
A cavalo na criada.

O padre da minha aldeia
No sermão do mês passado
Jurou p'la sorte dos filhos
Que nunca tinha pecado.

Uma mosca sem valor
Poisa co'a mesma alegria
Na careca dum Doutor
Como em qualquer porcaria.

Tira o chapéu, milionário
Vai um enterro a passar
Foi a filha dum operário
Que morreu a trabalhar.

Ó meu Portugal bonito
Ó meu Portugal tão belo
Metade é Jorge de Brito
Metade é Jorge de Melo.

Ó meu Portugal formoso
Berço de latifundiários
Onde um primeiro ministro
Já manda à merda os operários.

Camaradas lá do Norte
Venham ao Sul passear
Cá nas nossas cooperativas
Há sempre mais um lugar.

A Primavera do Outono

Cantiga popular do Baixo Alentejo. É uma homenagem do pastor à Natureza, numa altura particularmente bela: a Primavera do Outono.

A Primavera do Outono
Os campos faz verdejar
Lá vem o triste Inverno
Para as plantas desfolhar.

Para as plantas desfolhar
Também tem os seus valores
Não há estação mais bonita
Que a Primavera das flores.

Rouxinol repenica o canti

Cantiga popular da Vidigueira. O poema é verdadeiramente surrealista, pois o pastor fala de um pássaro que nunca viu: o rouxinol.

Rouxinol repenica o canti
Ao passar da passadeira
Nunca mais tornas a Beja, ó ai
Sem passares à Vidigueira.

Sem passares à Vidigueira
Sem ir beber ao Falcante
Ao passar da passadeira, ó ai
Rouxinol repenica o canti.

Vou-me embora, vou partir

Cantiga popular da Amareleja (Baixo Alentejo), cujo tema é a despedida do soldado que vai embarcar para fazer a guerra nas colónias.

Vou-me embora, vou partir, mas tenho esperança
De correr o mundo inteiro, quero ir
Quero ver e conhecer, rosa branca
A vida dum marinheiro sem dormir.

A vida dum marinheiro, branca flor
Que anda lutando no mar com talento
Adeus, adeus, minha mãe, meu amor
Eu hei-de ir, hei-de voltar, com o tempo.



Menina estás á janela

Cantiga popular de Castro Verde (Baixo Alentejo).

Menina estás à janela
Como teu cabelo à lua
Não me vou daqui embora
Sem levar uma prenda tua.

Sem levar uma prenda tua
Sem levar uma prenda dela
Como teu cabelo à lua
Menina estás à janela.

Os olhos requerem olhos
E os corações corações
E os meus requerem os teus
Em todas as ocasiões.

Semear salsa ao reguinho

Cantiga popular da Amareleja (Baixo Alentejo).

Semeei salsa ao reguinho
Hortelã daquela banda
Para lograr os teus carinhos
Tive que andar em demanda.

Não julgues por eu cantar
Que a vida alegre me corre
Eu sou como um passarinho
Tanto canta até que morre.

Saias

São modas corográficas do Alto Alentejo. Cantam-se ao despi-que durante a apanha da azeitona e dançam-se no S. João, altura em que aparecem as "saias novas".

Saias das Cooperativas

Adeus, vila do Redondo
Adeus, não esperes por mim
Levo-te aí posta ao peito
Num raminho d'alecrim.

Casas brancas ficam bem
Com o rodapé azul
Viv'os de "Santa Suzana"
Viva a "Rainha do Sul."

A "23 de Setembro"
Tem muito que se lhe diga
Na freguesia do Freixo
Nasceu uma Cooperativa.

Ó ribeira do Calado
Cá me ficas na lembrança
Corres numa Cooperativa
Que se chama "Boa Esperança."

"Cabeça Gorda" já foi
Terra de grandes senhores
Mas que linda cooperativa
Mandam os trabalhadores.

Ocuparam-se estas terras
Ficaram em boas mãos
Viva o Povo do Redondo
Vivam todos quantos estão.

São saias, senhor, são saias

São saias, senhor, são saias
Para bailar ao sol pôr
Se não largas as searas
O baile será pior.

De que serve o manajeiro
Se quem trabalha é a gente
Não precisamos de dono
Sózinhas estamos contentes.

O Redondo tem um Largo
E vila, não é cidade
Os ricos já lá não mandam
Quem brilha é a mocidade.



Os fantoches de Kissinger

Em toda a parte baqueia
A muralha imperialista
Na ponta dum espingarda
Os povos da Indochina
Varrem da terra sangrenta
Os fantoches de Kissinger.

Mas aqui também semeias
No pátio da tua fábrica
No largo da tua aldeia
A fome, a prostituição
São filhas da mesma besta
Que Kissinger tem na mão.

Valor à mulher primeira
Na luta que nos espera
Só não há vida possível
Na liberdade comprada
Na liberdade vendida
A morte é mais desejada.

A NATO não chega a netos
Abaixo o hidrovião
Na ponta dum espingarda
O povo da Palestina
Mandou a Golda Meir
Uma mensagem divina.

Da CIA não tenhas pena
Tem carne viva nas garras
É a pomba de Kissinger
Toda a América Latina
Se lembra das suas farras
A mesma tropa domina.



A mesma tropa domina
Só um é embaixador
Mas nada nos abalança
A dormir sobre a calçada
Faz como o trabalhador
Dorme sobre a tua enchada.

Faz como o atirador
Dorme sobre a espingarda.

Faz como o trabalhador
Dorme sobre a espingarda!...

Menino do bairro negro



Olha o sol que vai nascendo
Anda ver o mar
Os meninos vão correndo
Ver o sol chegar.

Menino sem condição
Irmão de todos os nus
Tira os olhos do chão
Vem ver a luz.

Menino do mal trajar
Um novo dia lá vem
Só quem souber cantar
Virá também.

Negro, bairro negro
Bairro negro
Onde não há pão
Não há sossego.

Menino pobre, o teu lar
Queira ou não queira o papão
Hás-de um dia cantar
Esta canção.

Olha o sol que vai nascendo
Anda ver o mar
Os meninos vão correndo
Ver o sol chegar.

Se até dá gosto cantar
Se toda a gente sorri
Quem te não há-de amar
Menino, a ti.

Se não é fúria a razão
Se toda a gente quiser
Um dia há-de aprender
Haja o que houver.

Negro, bairro negro
Bairro negro
Onde não há pão
Não há sossego.

Menino pobre, o teu lar
Queira ou não queira o papão
Hás-de um dia cantar
Esta canção.

Vampiros

No céu cinzento
Sob o astro mudo
Batendo as asas
P'la noite calada
Vêm em bandos
Com pés de veludo
Chupar o sangue
Fresco da manada.

Se alguém se engana
Com seu ar sisudo
E lhes franqueia
As portas à chegada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada.

A toda a parte
Chegam os vampiros
Poisam nos prédios
Poisam nas calcadas
Trazem no ventre
Despojos antigos
Mas nada os prende
As vidas acabadas.

São os mordomos
Do universo todo
Senhores à força
Mandadores sem lei
Enchem as tulhas
Bebem vinho novo
Dançam a ronda
No pinhal do rei.

Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada.

No chão do medo
Tombam os vencidos
Ouvem-se os gritos
Na noite abafada
Jazem nos fossos
Vítimas dum credo
Enão se esgota
O sangue da manada.

Se alguém se engana
Com seu ar sisudo
E lhes franqueia
As portas à chegada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada.



Cantar Alentejano

Catarina Eufémia, camponesa de Baleizão, foi assassinada às balas da Guarda Nacional Republicana quando, com as suas companheiras, pedia pão para os seus filhos. E hoje o simbolo da resistência do trabalhador do Alentejo contra a prepotência do latifundiário explorador e do seu instrumento de repressão : a odiada G.N.R.

*Chamava-se Catarina
O Alentejo a viu nascer
Serranas viram-na em vida
Baleizão a viu morrer.*

*Acalma o furor, campina
Que o teu pranto não findou
Quem viu morrer Catarina
Não perdoa a quem matou.*

*Aquela pomba tão branca
Todos a querem para si
O Alentejo queimado
Ninguém se lembra de ti.*

*Ceifeiras na manhã fria
Flores na campa lhe vão pôr
Ficou vermelha a campina
Do sangue que então brotou.*



*Aquela andorinha negra
Bate as asas p'ra voar
O Alentejo esquecido
'inda um dia há-de cantar.*

Canta, camarada, canta

É uma velha cantiga de contrabandista, da região da Beira-Baixa.

*Canta, camarada, canta
Canta que ninguém te afronta
Esta minha espada corta
Dos copos até a ponta.*

*Eu hei-de morrer dum tiro
Ou dum a faca de ponta
Se hei-de morrer amanhã
Morra hoje tanto monta.*

*Eu hei-de morrer um dia
Na ponta dum navalha
Toda a vida ouvi dizer
Morra um homem na batalha.*

*Viva a malta e trema a terra
Daqui ninguém arredou
Quem há-de morrer na guerra
Sendo um homem como eu sou.*



O dia da Unidade



No dia da Unidade
Joaquim Carvalho Luís
Pelas forças em parada
Lembrado foi no RAL-1.

Onze de Março sabido
Dentro e fora de fronteiras
Para todos garantido
De que já não há barreiras.

Que venham dividir homens
Da mesma conformação
Por essas montanhas fora
Faremos a revolução.

Numa assembleia de tropas
Delegados da Unidade
Decidiram em directo
Que reinaria a igualdade.

Falaram cabos e praças
Oficiais e sargentos
Houve um compromisso aberto
De liquidar os intentos.

Da velha ordem fascista
(Dinheiro nunca lhe falta)
Terão de passar por cima
Das sentinelas da malta.

Seja RAL-1 o modelo
Duma luta popular
Se vos tocam num cabelo
Podeis connosco contar.

Grândola

Grândola, vila morena
Terra da fraternidade
O Povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade.

Dentro de ti, ó cidade
O Povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, vila morena.

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola, vila morena
Terra da fraternidade.

Terra da fraternidade
Grândola, vila morena
Em cada rosto igualdade
O Povo é quem mais ordena.

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola, a tua vontade.

Grândola, a tua vontade
Jurei ter por companheira
A sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade.



No palco como na rua — a história da luta de classes.
 O governo distribui os teatros municipais pelos seus filiados, e, por outro lado, reduz drasticamente os subsídios aos grupos independentes. A maior parte das Revistas, que continuam a atrair um público bastante popular, montam os seus «sketches» com piadas venenosas ao 25 de Abril e à revolução. A grande imprensa, a Rádio e a Televisão, alimentadas com os impostos que nós somos obrigados a pagar, ignoram, pura e simplesmente os «grupos amadores».

4 MILHÕES DE CONTOS VEVE O POVO PORTUGUÊS O CAPITALISMO INTERNACIONAL

A VERDADE DOS NÚMEROS NO QUADRO IMPRESSIONANTE DA ECONOMIA CONDUZIDA PELA POLÍTICA ECONÓMICA E FINANCEIRA DO GOVERNO

CONDADOS
 ONISTAS
 VADEM
 LÍBANO

PREÇO: 10 escudos REVISTA DE ECONOMIA ARMADA EM HERDADES DO ALENTEJO

AGRÁRIOS NAS HERDADES
 SEMEANTEIRAS EM PERIGO

● Almeida Bruno no comando das operações

UMA FAMÍLIA VAI PARA A RUA E FOR RESPEITADA UMA LEI FASCISTA

partir de amanhã, uma família, e quatro pessoas, corre o risco de ir do mundo dos jardins (o que já aconteceu), devido a uma acção de despejo. Este aspecto particularmente chocante

Direita manobra
 na "frente" C.R.

C. A. P. CONTESTA

Argumentemos

MARN no Alentejo

«STAR JUNTOS NA LUTA»

demos estar juntos na disse um homem do trabalho do Alentejo aos camponeses do Alentejo, que, por iniciativa do MARN vieram a Montemor é à morte!

justas e sãs", responde-lhe, e a todos os outros, um homem do Norte, um pequeno agricultor Real. Homens e

facilmente se compreendem quando falam do que lhes é comum: a terra. São homens

Portalegre

400 mil hectares por expropriar

Se é verdade que as «desocupações» de terras no Alentejo constituem uma cedência em relação às conquistas que os trabalhadores gostariam de ver irreversíveis, o certo é que perante o risco de serem enganados com as prometidas expropriações, os trabalhadores põem os pés à parede: «venham lá essas expropriações ou a gente volta a ocupar as

A Reforma Agrária, lutando contra os insultos da reacção, a

consomem. Construíram-se 25 barragens fontes e sempre-

COLHEITAS DESTES ANOS SUPERAM EM 350 MIL TONELADAS A MÉDIA DOS ÚLTIMOS 10 ANOS

fria linguagem dos números com definitiva resposta.

Por exemplo: A média das colheitas dos últimos dez anos aumentou em 350 000 toneladas. Tal acréscimo motivou, só por si, uma poupança de 1 000 000 de contos. O que, se respeitarmos os números indicados recentemente pelo primeiro-ministro, é suficiente para pagar durante cinco anos a importação de marisco (200 000 contos/ano) que os

Ou seja, havia, antes do início da Reforma Agrária, 104 585 cabeças de gado; hoje, 167 323 o que equivale a um aumento de 59,98 por cento.

Lembramos que dos 1 640 000 hectares da área abrangida pela Reforma Agrária só 1 140 800 estão nas mãos das Unidades Cooperativas de Produção. Falta expropriar, nos termos da lei, 721 841 hectares e estão ainda, nas mãos dos



entaram 1 15586 rinos au- cento. 101 942 n 51,68 são hoje entaram 111 424

UM
 PADRE
 RECUSOU
 BAPTIZAR
 A FILHA
 DE UM
 COMUNISTA

18 900
 VENCID
 DOS D
 IAL